ΠΩVΛ HILΣIΛ

REVISTA ELETRÔNICA DE DIREITO AMBIENTAL DA AMAZÔNIA

Programa de Pós-graduação em Direito Ambiental da Universidade do Estado do Amazonas

UEA EDIÇÕES

UEA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS

Wilson Lima
Governador

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

Prof. Dr. André Luiz Nunes Zogahib
Reitor

Profa. Dra. Kátia do Nascimento Couceiro
Vice-Reitor

Profa. Dr. Raimundo de Jesus Teixeira Barradas
Pró-Reitor de Ensino de Graduação

Prof. Dr. Valber Barbosa de Menezes
Pró-Reitora de interiorização

Profa. Dr. Roberto Sanches Mubarac Sobrinho
Pró-Reitora de pesquisa e pós-graduação

Profa. Dra. Joésia Moreira Julião Pacheco
Pró-Reitora de Planejamento

Prof. Dr. Darlisson Sousa Ferreira
Pró-Reitor de Extensão e Assuntos Comunitários

Prof. Dr. Nilson José de Oliveira Junior
Pró-Reitoria de Administração

Profa. Dra. Isolda Prado
Diretora da Editora UEA

Prof. Dr. Erivaldo Cavacanti Filho
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Direito Ambiental

Profa. Dra. Luziane de Figueiredo Simão Leal, UEA
Coordenação do curso de Direito

NOVA HILEIA: REVISTA ELETRÔNICA DE DIREITO AMBIENTAL
ISSN: 2525-4537

Prof. Dr. Erivaldo Cavacanti Filho, UEA
Prof. Dr. Mauro A. Ponce de Leão Braga, UEA
Profa. Dra. Maria Nazareth Vasques Mota, UEA
Prof. Dr. Sandro Nahmias Melo, UEA
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Direito Ambiental

Prof. Dr. Sandro Nahmias de Melo
Editor Chefe

Prof. Me. Denison Melo de Aguiar
Editor Adjunto

Profa. Ma. Carla Cristina Torquato
Profa. Ma. Adriana Almeida Lima
Profa. Ma. Dayla Barbosa Pinto
Prof. Me. Luiz Cláudio Pires Costa
Prof. Dr.. Ygor Felipe Távora da Silva
Profa. Esp. Monique de Souza Arruda
Prof. Esp. Átila de Oliveira Souto
Editores Assistentes

Prof. Dr. Celso Antonio P. Fiorillo, FMU-SP
Prof. Dr. César O. de Barros Leal, UNIFOR
Prof. Dr. Antonio Carlos Morato, USP
Prof. Dr. José Helder Benatti, UFPA
Prof. Dr. Fernando A. de C. Dantas, UFG-GO
Profa. Dra. Solange T. da Silva, Mackenzie - SP
Conselho Editorial

Prof. Dr. Paulo Affonso Leme Machado, Universidade Metodista de Piracicaba - SP
Profa. Dra. Maria Gercilia Mota Soares, INPA
Profa. Dra. Luly R. da Cunha Fischer, UFPA
Profa. Dra. Lucas Gonçalves da Silva, UFS-SE
Porfa. Dra. Lorena Fabeni, UNIFESPPA
Prof. Dr. Jeronimo Treccani, UFPA
Prof. Dra. Danielle, de Ouro Mamed, ISEPE- PR
Prof. Dr. Celso Antonio P. Fiorillo, FMU-SP
Prfoa. Dra. Raquel Y. Farjado, PUC-PERU
Avaliadores

Prof. Me. Denison Melo de Aguiar
Primeira revisão

Prof. Me. Denison Melo de Aguiar
Revisão Final

Nova Hileia: Revista de Direito Ambiental da Amazônia
Vol. 8. Nº 3, Jul-Dez - 2023.
ISSN: 2525-4537
Artigo Científico

Os artigos publicados, bem como as opiniões neles emitidas são de inteira responsabilidade de seus autores.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade do Amazonas

R454

Nova Hileia: Revista Eletrônica de Direito Ambiental da Amazônia / Programa de Pós-Graduação em Direito Ambiental da Universidade do Estado do Amazonas. Vol.8, n.3 (2023). Manaus: Programa de Pós-Graduação em Direito Ambiental, 2023.

Semestral

ISSN: 2525-4537

1. Direito Ambiental – Periódicos. I. Título

CDU 349.6

Nova Hileia: Revista de Direito Ambiental da Amazônia
Vol. 8. Nº 3, Jul-Dez - 2023.
ISSN: 2525-4537
Artigo Científico

UM ESPAÇO DE PERFORMANCE E CONSTRUÇÃO DE GÊNERO: O MISS GAY E OS ATOS EMPODERAMENTO

A SPACE OF PERFORMANCE AND GENDER CONSTRUCTION: MISS GAY AND ACTS OF EMPOWERMENT

Bruno Henrique Fernandes da Silva[1]
Allan Soljenítsin Barreto Rodrigues[2]

Resumo: Este estudo buscou problematizar os aspectos relativos às ações sociais no que diz respeito ao destaque dado ao protagonismo de gênero, em especial, aos transformistas dos concursos de beleza designados concursos de Miss Gay. As reflexões aqui colocadas visam à compreensão de como ocorre a construção do corpo feminino através da masculinidade para performa a arte do transformista. É necessário mencionar que este estudo decolonial através de estudo bibliográfico, inserido nos campos teóricos dos estudos culturais, da antropologia e dos estudos de gênero e sexualidade embasados na analítica queer, identifica-se com as pesquisas cujo foco é a discussão de como a articulação de conceitos relativos ao gênero, corpo e cultura podem engendrar ideais performativos de masculinidade e feminilidade em concursos de beleza.

Palavras-Chave: Transformista. Cultura e Gênero.

Abstract: *This study sought to problematize the aspects related to social actions with regard to the prominence given to gender protagonism, especially transformers in beauty contests called Miss Gay contests. The reflections here are aimed at understanding how the female body is constructed through masculinity in order to perform the art of the transformer. It is necessary to mention that this decolonial study, through a bibliographical study, inserted in the theoretical fields of cultural studies, anthropology and gender and sexuality studies based on queer analysis, identifies with research whose focus is the discussion of how the articulation of concepts relating to gender, body and culture can engender performative ideals of masculinity and femininity in beauty contests.*

Keywords: Transformer. Culture and Gender.

[1] Mestrando em Sociedade e Cultura na Amazonia PPGSCA -UFAM. Graduado em Licenciatura Plena em Pedagogia. (2016) Universidade Paulista-cursando http://lattes.cnpq.br/8619871709068107. E-mail: fernandes5481@gmail.com@gmail.com

[2] Possui graduação em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo, mestrado e doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Jornalista, escritor, líder do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Cultura e Amazônia, coordenador do Laboratório de Estudos Avançados de Jornalismo na e sobre a Amazônia (LABJAM), coordenador do projeto Portal da Ciência de Popularização do Conhecimento Científico, coordenador do projeto Amazônia de Perfil e professor do Curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação da UFAM.

Nova Hileia: Revista de Direito Ambiental da Amazônia
Vol. 8. Nº 3, Jul-Dez - 2023.
ISSN: 2525-4537
Artigo Científico

INTRODUÇÃO

Os concursos de miss vêm alçando um ambiente cultural em massa, instituindo no imaginário social padrões de beleza que deslumbram uma visibilidade e normatizações de representações de gênero. Com as fortes influências das culturas contemporâneas e dos países que utilizam a língua inglesa, as jovens eleitas nesses certames de beleza passam a se chamar "misses" que busca eleger uma representante de toda uma identidade cultural que é possível perceber que os concurso como um reflexo da sociedade em que vivemos, demostra uma diversidade de gêneros coexiste em nossa realidade.

Concursos de beleza, em geral, são tidos como superficiais, uma vez que se atêm à questão estética e às referências de moda. Contudo, neste sentido, essas manifestações são, comumente, maneiras de expressão de individualidade, militância, um fazer valer da existência gay e transformista.

O transformismo é uma ficção do que é ser mulher. Trata-se de um modo de experimentar e viver um universo denominado feminino, o qual foi renegado a conhecer. Mesmo que esta mulher construída e performatizar o limite-se a alguns momentos, o transformismo permite essa experiência de vivenciar um outro gênero.

Deste modo, o que se objetiva é discutir os concursos de miss, em especial, o Miss Gay. Como um espaço de protagonismo gay a partir de performances de construção de ideais de gênero, por meio de atos performáticos, da representação de um tipo particular de beleza e dos valores envoltos neste processo de construção corporal onde o gênero e a sexualidade são o eixo principal de processos sociais que marcaram e ainda moldam as relações sociais.

O presente trabalho foi realizado através de uma pesquisa bibliográfica, que consiste na revisão da literatura relacionada à temática abordada do transformista e os concursos de miss. Para tanto, foram utilizados livros, periódicos, sites da Internet entre outras fontes que se sustentaram. De acordo com Boccato (2006, p. 266), a pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais e teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica.

Ao longo do trabalho, nos dedicamos em estruturar uma a atmosfera que permeia os concursos de beleza e a arte do transformista fazendo um link sobre a contextualização da

Nova Hileia: Revista de Direito Ambiental da Amazônia
Vol. 8. Nº 3, Jul-Dez - 2023.
ISSN: 2525-4537
Artigo Científico

beleza no linear da evolução das civilizações e suas construções simbólicas como um processo de identificação de um padrão social.

Essas representações tem uma tentativa no sentido de chegarmos a um conhecimento mais amplo, não somente acerca dos concursos de beleza, mas em especial, aos corpos transformistas que nos instiga a compreender como ocorre a construção de feminilidades a parti da imagem das masculinidades no contexto dessa social.

2. A BELEZA ESTÁ NOS OLHOS DE QUEM VÊ: FRAGMENTOS HISTÓRICOS DO BELO NO LINEAR DAS CIVILIZAÇÕES ANTIGAS

Na Grécia antiga, exemplificando, os filósofos tinham como entendimento que o belo estava interligado a uma filosofia factual. Platão foi um dos pioneiros intelectuais que buscou explanar o que seria o belo, porém, sem concatenar a pratica artística. Para ele, a beleza estaria intrínseca do campo ético. Foucault (2005) aponta que na ética grega clássica, a moral era solitária, vinculando-se às escolas de pensamento, na força do viver e do estar unidos de forma mais partilhada com a sociedade, partindo especialmente do cuidado de si próprio como ser humano. A ética foi uma relação de ligação do homem consigo próprio com as artes. Nela, dominou a virtude suprema do cidadão livre, podendo-se perceber que a beleza era denotada a partir de uma existência ética como uma estetização da existência.

O cristianismo na Idade Média, através da Igreja Católica, vinculou a beleza a uma exaltação do regramento, a devoção e a obediência as convenções morais religiosas, deslocando a estética da existência do ser humano para um ser supremo. A satisfação do viver toda sua vida para obra de Deus. Santo Agostinho em uma de suas demonstrações de como era a vida dos cidadãos afirma:

> Fazei, ó Senhor, nosso Deus, que esperemos à sombra das vossas asas. Protegei-nos e guiai-nos até quando atingirem os cabelos brancos. A nossa firmeza só é firmeza quando Vós nela estais; mas quando depende de nós, então é enfermidade. O nosso bem viver sempre em Vós; e somos perversos porque nos apartamos de Vós.
>
> Fazei, ó Senhor, que voltemos já para Vós para nós não submergirmos, porque o nosso bem, que sois Vós mesmo, vive, sem deficiência alguma, em Vós. Apesar de nos termos precipitado do nosso bem, não temos receio de o não encontrar quando voltarmos; porque, na nossa ausência, não desaba a nossa morada – a vossa eternidade. (SANTO AGOSTINHO, 1996, p. 118-119).

Nova Hileia: Revista de Direito Ambiental da Amazônia
Vol. 8. Nº 3, Jul-Dez - 2023.
ISSN: 2525-4537
Artigo Científico

A beleza era pautada na força suprema de Deus todo poderoso, na sua onipresença, na sua misericórdia, que deveria ser direcionada para cada indivíduo perante a sociedade e a arte se fazia muito presente na manifestação desse belo divino gerando uma ideologia coletiva. "Desde seu início, a religião tem sido uma obra-prima inesgotável de probabilidades de criação artística e de estilização" (WEBER, 2004, p. 237). As forças dos transcendentes possibilitaram os humanos ter um deslumbre da projeção do ser belo através de suas apreciações sob uma ótica e produção das artes em massa tendo como ponto de partida a sua devoção ao sagrado.

A compreensão da beleza por muito tempo se manteve em uma compreensão pouco explorada e muito ligada a conjunturas do cotidiano de como as pessoas viviam suas vidas, fato de ter uma ideia sobre o belo começou a ocorrer aproximadamente no século XIX depois da morte do autor d'A República (347a.C.). Passaram-se os pensadores modernos a buscarem essa desvinculação do belo dos princípios morais, criando-lhe um campo específico para análise (a estética), cuja a direção foi a arte e suas diversas formas de manifestações dos indivíduos (pintura, literatura, música, etc.). Diante do exposto e dentre tais possibilidades, podemos abordar a naturalização do conceito de beleza mostrado nos concursos de miss e a lógica da busca pela representação da construção de um tipo particular de beleza, guiada pelos próprios requisitos dos concursos de beleza.

3. OS CONCURSOS DE MISS NO BRASIL

Com glamour e empolgação e uma atmosfera de diversidade de belezas e culturas, as candidatas se exibem para um público e jurados, sorrindo enquanto desfilavam, encarando os jurados presente.

Segundo o jornal O Rebate, nos moldes que conhecemos hoje, o primeiro concurso a ser realizado no país foi em 1929 pelo jornal carioca A Noite na cidade do Rio de Janeiro, tendo como vencedora Olga Bergamini, representante do Distrito Federal, Olga carrega o título de primeira Miss Brasil Oficial. A primeira vencedora brasileira de um concurso internacional foi a gaúcha Yolanda Pereira que venceu o Miss Universo em 1930, embora

Nova Hileia: Revista de Direito Ambiental da Amazônia
Vol. 8. Nº 3, Jul-Dez - 2023.
ISSN: 2525-4537
Artigo Científico

esse título não seja reconhecido oficialmente pelo Miss Universe Organization, atual organização do certame (2019), nem tenha qualquer ligação com ele.

Figura 1-Olga Bergamini, Mis Brasil 1929

Fonte:http://www.missnews.com.br/historia/sessao-nostalgia-a-miss-e-o-perfume-de-uma-epoca

A história do título vem da década de 1920, quando existia um concurso internacional de beleza nos Estados Unidos chamado International Pageant of Pulchritude (Desfile Internacional de Beleza) e concedia o título de "Miss Universo" à vencedora. Essa edição de 1930 foi realizada paralelamente no Brasil, criada por brasileiros, ao mesmo tempo da edição norte-americana, que era realizada em Galveston, no Texas. Ele foi motivado por uma revolta de brasileiros com a não classificação de Olga Bergamini, a brasileira participante do concurso de 1929, o que os levou a criar seu próprio evento. Esse concurso, assim como o de Galveston, porém, não faz parte das estatísticas, por não ser oficializado pelo Miss Universe Organization. Oficialmente, o Brasil tem apenas duas Misses Universo: Ieda Maria Vargas em 1963 e Martha Vasconcellos, eleita em 1968. (GAETA, 1999)

Nova Hileia: Revista de Direito Ambiental da Amazônia
Vol. 8. Nº 3, Jul-Dez - 2023.
ISSN: 2525-4537
Artigo Científico

De 1929 a 1949, o Miss Brasil aconteceu de forma interrupta. Em 1954, o concurso foi retomado pelos Diários Associados, cuja organização permaneceu até a década de 1970. A partir desse momento, o Brasil começa a enviar suas representantes simultaneamente ao Miss Universe (a primeira colocada – Miss) e ao Miss World (a segunda colocada – Vice-Miss.

O Brasil conquistou o título de Miss Universo duas vezes em sua história. A primeira vitória ocorreu em 1963, quando Iêda Maria Vargas foi coroada como vencedora. A segunda vitória veio em 1968, com a aclamada vitória de Martha Vasconcellos. No entanto, desde então, o país não obteve outra conquista no concurso de Miss Universo, representando um período de mais de cinco décadas sem vencer esse evento.

A figura da mulher no concurso Miss Universo é uma representação notável da diversidade e beleza de mulheres de todo o mundo. O evento serve como uma plataforma para promover a igualdade de gênero e a liberdade da beleza em todas as suas formas. Embora o Brasil não tenha vencido recentemente, as candidaturas brasileiras continuam a participar ativamente, fortalecendo a importância da diversidade e inclusão. Além disso, a representatividade dos brasileiros no concurso demonstra o orgulho do país em sua cultura e beleza únicas, independentemente dos resultados.

Enquanto o Brasil anseia por outra coroa no Miss Universo, a presença constante e impactante das candidaturas brasileiras reafirma a importância de manter o espírito de igualdade, inclusão e autoaceitação, tornando o concurso muito mais do que uma competição de beleza - uma celebração global da força e da beleza das mulheres.

Nova Hileia: Revista de Direito Ambiental da Amazônia
Vol. 8. Nº 3, Jul-Dez - 2023.
ISSN: 2525-4537
Artigo Científico

Figura 2-Ieda Maria Vargas, Miss Universo 1963

Figura 3-Martha Vasconcellos, Miss Universo 1968

Fonte: https://extra.globo.com/famosos/miss-universo-ha-50-anos-martha-vasconcellos-fala-do-peso-do-titulocobranca-terrivel-eterna-22720212.htm

Nova Hileia: Revista de Direito Ambiental da Amazônia
Vol. 8. Nº 3, Jul-Dez - 2023.
ISSN: 2525-4537
Artigo Científico

Na década de 1980, a organização e transmissão do Miss Brasil esteve a cargo do SBT, que também transmitia o Miss Universo – era o período áureo do concurso no Brasil. De 1990 a 1993, a organização nacional passou a ser da empresária Marlene Britto, ex-funcionária de Silvio Santos que tentou transmitir o concurso pela Band, sem êxito. Em 1994, os Diários Associados voltam a assumir o concurso, tendo como diretor o jornalista Paulo Max que ficou à frente do evento até 1999, quando a empresa carioca Gaeta Promoções e Eventos assumiria o certame. De 1999 a 2002, o concurso viveu seus piores tempos anos de esquecimento, sem cobertura midiática de relevância, sem transmissões televisivas e, consequentemente, sem classificações de notoriedade nos concursos internacionais. Em 2003, o concurso volta a criar fôlego com a parceria da Gaeta com a Band, e volta a ser televisionado, continuando até hoje (2019); a Band é responsável por transmitir também o Miss Universo. Em 2015, a Gaeta vende os direitos do Miss Brasil Universo à empresa Polishop que assume, em parceria com a Band, o concurso pelo período de 10 anos.

Na década de 1980, a organização e transmissão do Miss Brasil esteve a cargo do SBT, que também transmitia o Miss Universo – era o período áureo do concurso no Brasil. De 1990 a 1993, a organização nacional passou a ser da empresária Marlene Britto, ex-funcionária de Silvio Santos que tentou transmitir o concurso pela Band, sem êxito. Em 1994, os Diários Associados voltam a assumir o concurso, tendo como diretor o jornalista Paulo Max que ficou à frente do evento até 1999, quando a empresa carioca Gaeta Promoções e Eventos assumiria o certame. De 1999 a 2002, o concurso viveu seus piores tempos anos de esquecimento, sem cobertura midiática de relevância, sem transmissões televisivas e, consequentemente, sem classificações de notoriedade nos concursos internacionais. Em 2003, o concurso volta a criar fôlego com a parceria da Gaeta com a Band, e volta a ser televisionado, continuando até hoje (2019); a Band é responsável por transmitir também o Miss Universo. Em 2015, a Gaeta vende os direitos do Miss Brasil Universo à empresa Polishop que assume, em parceria com a Band, o concurso pelo período de 10 anos.

Nova Hileia: Revista de Direito Ambiental da Amazônia
Vol. 8. Nº 3, Jul-Dez - 2023.
ISSN: 2525-4537
Artigo Científico

4. O ESTIGMA DE QUE RAINHAS DA BELEZA SÃO APENAS ROSTOS BONITOS- O QUE SÃO OS CONCURSOS DE BELEZA?

O prestígio dos concursos de beleza consagra-se ao objetivo de que a beleza sendo um forte valor da cultura ocidental, de acordo com Felipe (2006); em nossa cultura ocidental a partir do século XVIII as importantes transformações ocorreram em relação às representações humanas. Ser apreciado, notável e célebre configura mesmo uma grande obstinação de um indivíduo na sociedade contemporânea, prontamente, esse circuito tem muito elo com a comunidade midiática em que coabitamos. Por exemplo, as carreiras artísticas, além de fenômenos como os digitais influencers, pelos quais as pessoas buscam se evidenciar na sociedade atual.

Em busca dessa apreciação na sociedade muito indivíduos recorrem aos concursos de beleza, além de serem tradição mundial, são espaço de afirmação de gênero e produzem o significado próprio daquilo que é considerado belo a partir de parâmetros e avaliações estéticas que sobressaltam, empiricamente, a articulação de marcadores sociais da diferença.

Os concursos de beleza são cerimonias que tem por objetivo graduar, ainda que de forma abstrata e parcial, a beleza de indivíduos (mulheres ou homens) que os concorrem. GOMES (2017, p.109) afirma que “A beleza pode ser entendida como uma categoria estética e de construção social, como vínculo de nos relacionarmos com o mundo”. Sem dúvidas, a beleza pode ser entendida como um padrão imposta pela sociedade e conforme a sociedade vai evoluindo as suas perspectivas de como interpretar o mundo também evoluir ocasionando novas tendencias.

Esse perfil mante-se sendo apurado em torno dessa figura emblemática do ser miss. Pressuposto os atributos corporais, hipoteticamente, nos atos e na performance como um todo, podemos captar o desígnio de dispor o sujeito “miss” como um arquétipo para a humanidade. Gera-se um símbolo para comunidade inteira fruto de bons exemplos sociais.

> Para transmitir certos valores do discurso dominante (conservador, puritano e centrado no capital), o Miss Universo disfarça-os colocando em nível de aparência de valores ditos modernos. Dissemos também que a via maior para a constituição do senso comum do Miss Universo foi uma série de naturalizações acerca da mulher e seu papel na sociedade. Mediante a mais simples avaliação, o que se nota é que tal

Nova Hileia: Revista de Direito Ambiental da Amazônia
Vol. 8. Nº 3, Jul-Dez - 2023.
ISSN: 2525-4537
Artigo Científico

> situação coloca o Miss Universo exatamente nos termos para ele reservados pelo discurso de luta feminista, ou seja, o Miss Universo reforçaria os padrões que interessam às classes dominantes (leia-se aí 'instituições centrais da sociedade' – capitalistas e predominantemente masculinas). (BATISTA, 2013, p. 147).

Tendenciando o objeto midiático, o concurso de beleza tem adotado, ao longo dos anos, uma função esquematizadora de identidades, suprimento e indagações como: a beleza pode ser subjugada de alguma forma? O que é ser realmente belo perante a sociedade? Qual o papel de um indivíduo como detentor de um título de beleza na sociedade?

A construção cultural valoriza atributos e padrões dos indivíduos, a ideia de um corpo bonito é construída de forma histórico-cultural, Segundo Vigarello (2006, p.178) "O corpo se tornou o mais belo meio de consumo". fazendo com que haja uma representação ideal de heterotópico em cada sociedade, assumindo, assim, o um papel essencial do estilo de vida. Como destaca Bourdieu (1993) "Seria um corpo exaltado encarnado como distinto", ou seja, cada corpo tem suas características proporias construído a partir de uma percepção social do indivíduo com meio que está inserido socialmente.

Dessa Forma, os requisitos para ser fazer-se essa figura simbólica dentro do contexto dos concursos de beleza é um corpo representado pela "perfeição" podemos perceber que ao longo da história desses concursos a busca pelo belo sempre foi sendo reedificados de modo a corresponder as características dos contextos sociais que se faz presente no momento. Norbert (1994, p.05) enfatiza que os símbolos, se modifica constantemente a sociedade. Os corpos como símbolo social exprimem esse conceito, que vão sendo executados pela prática e pelo manejo cultural, construindo a identidade de uma comunidade.

5. O PERFORMISMO E A DESCONSTRUÇÃO DO BINARISMO DE GÊNERO NA ARTE

A performismo no contexto da comunidade LGBTQIAPN+ é multifacetada, abrangendo desde os shows nas boates gays até a grandiosidade das Paradas do Orgulho Gay que acontecem ao redor do mundo com objetivo de reivindicar direito da comunidade, A potência da estética da arte transformista reside em uma concepção político, estética partilhada de que somos uma "comunidade de piratas, trapezistas e guerrilheiros do gênero"

Nova Hileia: Revista de Direito Ambiental da Amazônia
Vol. 8. Nº 3, Jul-Dez - 2023.
ISSN: 2525-4537
Artigo Científico

(WONDER, 2008, p. 72). Produzindo impactos que muitas das vezes ficam registrados na memória da arte transformista. Entre esses espaços, o Miss Brasil Gay destaca-se como um itinerário proeminente, reunindo artistas de todo o país. Eles não apenas resistem ao apagamento urbano da arte, mas também desempenham um papel crucial nas produções LGBT+, reafirmando e preservando a memória coletiva das transformistas.

Como toda forma de expressão artística, o performismo desempenha uma função política e cultural fundamental. Ele desafia, reescreve e constrói gêneros, oferecendo uma potente ferramenta para desmistificar noções convencionais sobre sexualidade e resistência dos corpos em um contexto urbano complexo, permitindo que tais corpos se afirmem no espaço público.

A jornada do artista transformista pode ser observada de modo prismático no que se refere a sua presença no mundo espetacular e que se dá em paralelo à história do teatro. Sabendo que o teatro existe desde o início da humanidade, é possível concluir que as raízes do transformismo também datam dos mesmos tempos remotos. O teatro grego, berço do ator, pode ser considerado o ponto de partida para essa análise, mas é sabido que, muito anterior ao despontar do teatro europeu, outras formas de teatralidade já haviam existido em diversas civilizações ao redor do planeta.

6. MISS GAY E A CONSTRUÇÃO CORPORAL: A ARTE DO TRANSFORMISMO

O transformismo, uma forma de performance artística que envolve a representação das transgressões sociais de gêneros, está presente nos Miss Gay enquanto requisito de participação. Durante a competição, a figura masculina transforma-se em figuras femininas deslumbrantes e impactantes, incorporando cada detalhe, desde roupas até maquiagem, gestos e atitudes. Este processo de transformação corporal é muito mais do que uma simples imitação é uma forma de arte que desafia as noções tradicionais de masculino e feminino. O corpo neste contexto é o próprio ato, o corpo que performatiza é o próprio instrumento que comunica. Seguindo a lógica e as referências do concurso normativo, os concursos com temática gay tendem a reproduzir os mesmos padrões.

Nova Hileia: Revista de Direito Ambiental da Amazônia
Vol. 8. Nº 3, Jul-Dez - 2023.
ISSN: 2525-4537
Artigo Científico

A *montagem*[3] corporal da transformista, entendendo-a nesse momento uma construção da candidata a *miss*. A montagem produzida nesse contexto é entendida em sua perspectiva mais geral, considerando-se a maneira pela qual atuam os marcadores sociais da diferença de gênero, raça e classe.

Esses concursos buscam julgar a transformação da pessoa em uma miss que deve está apta a uma série de posturas sociais associadas à elegância e à finesse, bem como uma montagem que se aproxime ao máximo de uma performatividade feminilidade glamourosa e luxuosa, isto é, componente de uma classe social elevada.

> A performatividade deve ser compreendida não como um "ato" singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como uma prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia. O que, eu espero, se tornará claro no que vem a seguir é que as normas regulatórias do "sexo" trabalham de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual (Butler, 2001:154).

A miss vivência uma espécie de transição entre a masculinidades e feminilidades, pode-se compreender que as candidatas a *misses* experimentam uma espécie de "identidade compósita" (STRATHERN, 2009), visto que as formas masculinas e femininas construídas e vivenciadas no âmbito cotidiano e nas ocasiões espetaculares de *shows* e *passarelas* se misturam de forma tal que uma depende e serve de preparação para a outra. Isto pode ser ilustrado pelo próprio fato de que muitas candidatas aos certames de beleza gay sejam consideradas *transformistas.*

A sua estética tem que estar ligada a arte de sua transformação que reside em uma concepção, que busca através da "montação" o apoderamento de identidade, redefinindo conceitos de corpos e criação de redes comunicativas sociais livres e abertas para se desenvolver, passando a ser um produto do próprio corpo. Para Le Breton (2011), o corpo é o eixo de relação com o mundo, um analista de grande porte para a compreensão do presente. Assim, as ações da vida cotidiana e os usos do corpo, envolvem sistemas simbólicos, representações e imaginários construídos por atores sociais em dados contextos e tempos.

A montagem transformista inicia-se com a eliminação dos pelos por todo o corpo, incluindo braços, barba etc. através de depilação. Com os corpos momentaneamente livres de pelos que denunciem traços fenotípicos masculinos, dá-se sequência a raspagem integradas

[3] Ato de se produzir e construir um corpo feminino. Vestir, maquiar e performatizar a ideia do "ser feminina".

Nova Hileia: Revista de Direito Ambiental da Amazônia
Vol. 8. Nº 3, Jul-Dez - 2023.
ISSN: 2525-4537
Artigo Científico

sobrancelhas com uma lâmina de barbear. Para Le Breton (2010) A expressão corporal é socialmente mutável de acordo com a necessidade dos seres humanos. É possível observar que a necessidade de eliminar os pelos por todo o corpo, corrobora e para um padrão de feminilidade onde a pele deve ser lisa, macia e bem cuidada.

A maquiagem é um dos enfoques mais valoroso na construção desses corpos transformista. Sem uma boa maquiagem, não é possível efetuar a transição dos aspectos masculinos para o feminino. O modelo almejado no contexto das performances e da montagem transformista segue ao que é considerado belíssimo, buscando a construção de um tipo de feminilidade dentre as tantas disponíveis (MOORE, 2000), que seja entendida como glamoroso e relativo empoderada.

A criatividade é um aspecto valorizado nesse processo de construção da miss, porém elabora-se uma criatividade dependente dos ideais de beleza e feminilidade associados às grandes divas. A noção de diva, originária da língua italiana, evoca uma condição de ser, mais que uma qualidade da pessoa. Fazendo-se necessário, além do talento artístico, uma personalidade carismática e sedutora. A diva, portanto, é uma noção aglutinadora, que se origina entre grandes cantoras de ópera, mas passa a compreender uma diversidade de celebridades famosas até socialites (MARKENDORF, 2010). Uma das mais importantes classificações hierarquizantes presentes entre as transformistas que protagonizam os shows e closes na cena cearense, consiste na categoria de diva.

A Diva, além de ser o objetivo de produção a ser alcançado, é também a identificação de um seleto grupo de artistas consideradas as mais talentosas, com montagem e performances impecáveis. Nesse sentido, organiza-se uma lógica própria a esse campo, com um tipo de capital simbólico (BOURDIEU, 2009) específico associado ao *glamour* e ao *luxo*. Nesse ponto, compreende-se que a identidade transformista, sobretudo no contexto da miss, é dependente de um processo de trânsito orquestrado entre atributos que julgam ser femininos e masculinos, e suas referências simbólicas artísticas dentro da comunidade com a intenção é construir para si uma corporalidade que seja valorizada e admirada pelo grupo social que está inserido da socialmente.

A figura do transformista, particularmente em sua participação em concursos de miss, desempenha um papel simbólico fundamental na comunidade LGBTQIAPN+. Ao desafiar normas de gênero, esses artistas transcendem as limitações binárias tradicionais e se tornam ícones de resistência e autoexpressão. Sua habilidade de criar uma nova identidade de

Nova Hileia: Revista de Direito Ambiental da Amazônia
Vol. 8. Nº 3, Jul-Dez - 2023.
ISSN: 2525-4537
Artigo Científico

gênero por meio do transformismo não apenas celebra a diversidade, mas também promove acessibilidade de si mesmos e dos outros. Nesse sentido, os concursos de miss e a figura do transformista são mais do que meros espetáculos; são manifestações de força, coragem e orgulho que retratam para a evolução contínua da luta pela igualdade de gênero e da acessibilidade da diversidade sexual em nossa sociedade. Portanto, é imperativo considerar e valorizar essa forma única de expressão como um símbolo de resistência e empoderamento na comunidade LGBTQIAPN+.

CONSIDERAÇÕES

Ao decorrer, percebemos que a performance, como por exemplo a "construção corporal" do transformista, assim intitulados por transgredir de um gênero a outro, perpassa por noções de simulacro, estética e ritual. Entretanto, as pesquisas bibliográficas, nos levaram a refletir também sobre a ideia de incorporação aliadas aos símbolos sociais desses corpos construídos.

O objetivo central da *montação* é esconder o masculino. Os pelos do corpo não podem aparecer, o pênis deve ficar devidamente escondido, e todas as artificialidades já citadas. Ainda assim, há ambiguidade nesse gênero. É necessário mais trabalho, de fato uma incorporação, por mais que se montem – em geral de manhã – revela-se aquele homem que foi escondido. A voz rouca, o rosto sem maquiagem revela traços masculinos e a barba volta a crescer

Essa busca por uma corporalidade pura e livre de intervenções externas, entretanto, demonstra-se cada vez mais difícil de ser alcançada. Se conforme Haraway (2000) somos todos ciborgues ou de acordo com Latour (2008) somos todos híbridos, coletivos naturezas-culturas, essa acepção de permanência natural dos corpos das candidatas a *misses*. A *montação* requer a aprendizagem de um investimento no corpo. Ao caminhar sobre um salto, de forma diferente, calculada, aprendida, Bruno, que dá vida a Natasha, se sente outra pessoa, incorpora outra subjetividade de personalidade. O resultado do corpo montado, da nova identidade assumida.

Incorporar é demonstrar que o corpo não é objeto, mas sujeito da cultura e, como tal, faz parte da vida cotidiana e, ao mesmo tempo em que afeta o pensamento e o comportamento, é afetado por eles. Ou seja, o corpo (a incorporação) é a denotação do

Nova Hileia: Revista de Direito Ambiental da Amazônia
Vol. 8. Nº 3, Jul-Dez - 2023.
ISSN: 2525-4537
Artigo Científico

reconhecido como base da experiencia e, assim, não há uma separação o entre corpo e mente. Reinventar ou recriar, seja pelos excessos, ou pelos fracassos quando não se consegue alcançar o modelo ideal de miss que se busca recriar. Reinventar e recriar, são palavras que melhor descrevem o ato transformista, já que não somente representam, mas criam novas formas de mulheres, novas performances do feminino, e assim, queer como esta pesquisa, o transformismo, embora siga padrões estéticos, não busca coerências, muito pelo contrário, é repleto de incoerências.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Ana Maria Fonseca de O. **Miss Universo**: um olhar antropológico. Florianópolis: Insular, 2013.

BOURDIEU, Pierre. Los ritos como actos de instítución. In: PIITT-RIVERS,Julian Alfred; PERISTIANY, John George. **Honor y gracia**. Alianza Editorial, 1993.p. 111-123.

___. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2009.

BURITY, Joanildo A. (Org). **Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares**. Rio de Janeiro RJ: DP&A, 2002.

BUTLER, J. Criticamente subversiva. *In:* JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. **Sexualidades**

transgressoras. Uma antologia de estúdios queer. Barcelona: Içaria editorial, 2002.

____. **Gender Trouble**: Feminism and Subversion of Identity. New York: Routledge, 2006.

____. **Corpos que pesam**: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte, Autêntica, 2001, pp.151-172.

CARVALHO, Maria Michol Pinto de. **Matracas que desafiam o tempo**: é o bumba boi do Maranhão/ um estudo de tradição e modernidade na cultura popular. São Luís, MA, 1995.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. V II. 6. ed. São Paulo SP: Paz e Terra, 2008.

ELIAS, N. **Teoria Simbólica**. Organização e Introdução Richard Kilminster. Tradução de Paulo Valverde. Celta Editora OEIRAS/1994c.

FELIPE, Jane. **Afinal, quem é mesmo pedófilo?** Cadernos Pagu, v. 26, 2006.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 3**: o cuidado de si. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. 8ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

Nova Hileia: Revista de Direito Ambiental da Amazônia
Vol. 8. Nº 3, Jul-Dez - 2023.
ISSN: 2525-4537
Artigo Científico

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TOMAZ, Tadeu (Org.). **Antropologia do ciborgue.** As vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2008.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

___. **A sociologia do corpo** 4.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

MARKENDORF, Marcio. Da *star* à escritora-diva: a dinâmica dos objetos na sociedade de consumo. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, maio-agosto, 2010.

MISKOLCI, Richard. A teoria Queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da

normalização. **Sociologias,** Porto Alegre, n. 21, p. 150-182, 2009.

MOORE, Henrietta. **Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência.** In:**Cadernos Pagu** (14) 2000: PP. 13-44.

PRECIADO, Beatriz. Entrevista a Jesús Carrillo. *In:* **Cadernos Pagu**, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2007, v. 28, p. 375-405.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. Coleção primeiros passos; 110. 16. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 2006.

SOARES, A. S. F. Doente e pecador: ecos do século XIX sobre a homossexualidade nacimprensa oficial (1985-2010). *In:* TASSO, I.; NAVARRO, P. (Org.). **Produção de**

identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas [online]. Maringá:

Eduem, 2002.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez., 1995.

TRIGO, L. Ascensão do prazer na sociedade atual. *In:* PANOSSO NETTO, A.; ANSARAH, M. **Segmentação do mercado turístico:** estudos, produtos e perspectivas. 1. ed. Barueri, SP: Manole, 2009. p. 141-163.

VIGARELLO, Georges. **História da Beleza**. Rio de Janeiro:Ediouo,2006.

WEBER, M. A. **A ética protestante e o "espírito" do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Nova Hileia: Revista de Direito Ambiental da Amazônia
Vol. 8. Nº 3, Jul-Dez - 2023.
ISSN: 2525-4537
Artigo Científico

WONDER, Cláudia. **Olhares de Cláudia Wonder.** São Paulo: Edições GLS, 2008.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

Submissão em : 20 set. 203
Aprovado em: 14 dez. 2023.